

A METAPSIKOLOGIA DE AMÉLIE NOTHOMB

Sybele Macedo¹

NOTHOMB, Amélie. *A metafísica dos tubos*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Desde as primeiras elocubrações freudianas, a vivência do corpo inclui a intervenção do Outro por intermédio do adulto experiente, que atende a criança em seu desamparo, quando o neonato é invadido pelas necessidades da vida. Esta vivência resulta em uma experiência de satisfação ou na sua falta, em uma experiência de dor como descreve Amélie Nothomb em seu romance autobiográfico *A metafísica dos tubos* (2003).

A autora, como já nos informa a orelha do livro, leva a autobiografia às últimas consequências ao narrar seus três primeiros anos de vida. Amélie Nothomb é filha de pais belgas, onde também nasceu, mas passou seus primeiros anos de vida no Japão por conta do trabalho de seu pai, onde se passa o romance. Em *Fear and trembling* (2002) a autora escreve que ter deixado o Japão foi uma separação dolorosa para a autora, o que se deixa transparecer também em *A metafísica dos tubos*.

“No início não havia nada. E este nada não era vazio nem vago: não precisava de nada senão de si mesmo. E Deus viu que isso era bom.” (NOTHOMB, 2003, p. 5). Assim começa o romance. A história é narrada, primeiramente, na terceira pessoa do singular e é Deus sua personagem principal que assim segue nos primeiros anos de vida. Deus não queria nada, não olhava para nada, nada percebia, recusava ou lhe interessava.

Deus era absoluta satisfação, gozo puro e não vivia, existia. Aliás, era como se sempre houvesse existido. Não havia tempo para Deus, não havia linguagem nem pensamento. Deus não tinha nem mesmo olhar. Nas palavras da autora “os olhos dos seres vivos são dotados da mais espantosa das propriedades: o olhar. Não pode haver algo mais singular (...). A vida começa onde começa o olhar. Deus não tinha olhar.” (NOTHOMB, 2003, p. 6, 7).

Deus era apenas um pedaço de carne, cujas ocupações se limitavam a deglutição, a digestão e a excreção. Deus, escreve Nothomb (2003), era um tubo, que “abria todos os orifícios necessários para que os alimentos sólidos ou líquidos o atravessassem” (p. 7). Deus não tinha corpo: era uma massa rígida e inerte que filtrava o universo, mas nada retinha.

¹ Psicóloga clínica, Mestre em Psicologia Aplicada e Doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: sy.macedo@gmail.com

Deus, a pedido dos pais, preocupados com sua inércia e apatia, foi medido, pesado, manipulado e testado pelos médicos, que constataram que Deus não tinha mecanismos reflexos de sorte alguma, atestando “apatia patológica” - Deus era um legume. Os pais, que já tinham duas crianças humanas, não viram problema algum em levar para casa a “planta”, contrariando todas as orientações médicas de internação. Ao menos a planta era um ser vivo.

Nada afetava Deus, nem as mudanças climáticas, nem a chegada da noite, nem mesmo os terremotos, comuns no Japão. O tubo era pura passividade e indiferença: seus olhos como que atravessavam, sem ver quem quer que viesse incomoda-lo. Na tentativa de provocar alguma resposta, os pais decidiram deixar de alimentá-lo, mas não houve sucesso algum e Deus continuava em sua passividade profunda: “ser ou não ser, não era esta a sua questão” (NOTHOMB, 2003, p.10).

Para Deus, tudo era inércia. Na inércia não há movimento algum e sem movimento, não há linguagem. A “planta” crescia, mas continuava não produzindo ruído ou movimento algum, nem sequer olhava para quem ou o que quer que fosse. “O olhar é uma escolha. Aquele que olha decide deixar-se em determinada coisa e portanto excluir necessariamente de sua atenção o resto de seu campo visual. Por isso é que o olhar, que é a essência da vida, é antes de tudo uma recusa” (NOTHOMB, 2003, p.15). Recusar: não seria essa a chave da estrutura neurótica? Viver significa recusar e Deus não recusava nada, não era mais que um buraco de pia.

Mas esse tubo, esse pedaço de carne, era um filhote humano e, por isso, atravessado por pulsões que, nas palavras de Lacan são, “no corpo, o eco de que há um dizer” (1975-1976/2007, p.18). É assim que, em um dia comum, o real irrompe e a casa do tubo é sacudida por urros. “Deus sentara-se na jaula e berrava como pode fazê-lo um bebê de dois anos” (NOTHOMB, p. 20). Os gritos furiosos foram muito bem recebidos pela família. “A criança finalmente estava viva” (idem, p. 22). A cólera, entretanto, não era aplacada. Quando se encontrava em relativa calma, o bebê era deixado a contemplar os brinquedos que o cercavam. Aos poucos, um forte incômodo apoderava-se de Deus ao dar-se conta de que aqueles objetos existiam fora dele, e ele se desagradava e voltava a chorar. Os pais, excitados e assustados com a novidade, acionaram a avó que vivia na Bélgica. “— A planta despertou! Pegue um avião e venha!” (idem, p.22).

A avó finalmente chegou e encontrou o bebê de dois anos e meio aos urros. Os gritos de ódio ultrapassavam as grades do berço e as paredes do quarto, demonstrando o desespero e a contrariedade de Deus em relato a tudo que o cercava. Aconteceu, então, de um rosto desconhecido e inidentificável encher seu campo de visão. Deus demonstrou seu descontentamento, mas o rosto sorriu. Deus tentou resistir, mas o rosto disse algumas palavras

e sem seguida lhe estendeu a mão, que Deus decidiu morder, mas viu-se de encontro a um bastão esbranquiçado. “É chocolate branco da Bélgica”, disse a avó (NOTHOMB, 2003, p. 27). Deus agarrou a novidade com os dentes e ela se desmanchou em sua boca. Deus, que nunca quis o seio da mãe, encontrou, no chocolate da avó paterna, sua primeira experiência de prazer.

O júbilo e a volúpia do encontro com esse outro materno subiram-lhe a cabeça e fizeram reverberar uma voz que jamais ouvira. É a entrada de Deus no simbólico e a história passa a ser narrada na primeira pessoa do singular: “Foi então que eu nasci, aos dois anos e meio de idade, em fevereiro de 1970, na cidade de Kansai, aldeia de Shinkugawa, sob os olhos da minha avó paterna, pela graça do chocolate branco” (NOTHOMB, 2003, p.28). A voz, daí em diante, jamais se calaria.

O prazer do chocolate branco se estendeu a prazer de Deus finalmente poder dizer “eu”. Pelo olhar da avó, que se apresenta como uma estranha contingência simbólica, como espelho, Deus se constitui nas instâncias imaginária e simbólica. A linguagem, introduzida com a chegada da avó, faz então furo no real, operando nele seu domínio (LACAN, 1975-1976/2007).

A noção de prazer, introduzida pela avó, torna-se operacional. Os pais que, até os dois anos e meio, acreditavam estar criando um legume, tinham em sua frente um bebê humano e começaram a chamar-lhe pelo nome. Deus não era mais um tubo, era Amélie, e tinha um corpo. Amélie aprendeu, então, a andar e a experimentar as palavras, deixando os pais estupefatos. Ela descobriu os poderes da linguagem, mas aprendeu também suas limitações. Aprendeu mais ainda: que às palavras ligam-se afetos e que algumas delas têm poderes metafísicos.

Em meio as novas palavras, Amélie reencontra uma velha conhecida: a morte. A avó que havia lhe apresentado o maravilhoso chocolate branco e lhe aberto as portas para mundo da linguagem havia morrido. Os pais de Amélie não sabiam como lhe explicar a morte, como se seus dois anos e meio lhe afastassem dela ou lhe impedissem de compreender. Na verdade, seus dois anos e meia lhe aproximavam: “[...] Morte! Quem melhor que eu para saber? Eu mal havia deixado o sentido daquela palavra. Ainda a conhecia melhor que as outras crianças, já que a havia prolongado para além dos limites humanos” (NOTHOMB, 2003, p. 43). Se o chocolate branco era o prazer sublime, a morte era o teto que, quando confinada em seu berço-jaula, lhe impedia os olhos de subir e o pensamento de se elevar. Mas saber o que é morte não significava compreendê-la. A morte é o real, irrompendo novamente.

Com a experiência do chocolate branco, surgiu o elemento fundador que a fez penetrar no universo infantil: a linguagem. A ela seguiram-se outras descobertas: seus pais, seus irmãos, o mundo, seu corpo e o status especial que sua idade lhe dava. “No país do Sol Nascente, do nascimento até entrar para a escola maternal, todo mundo era um deus” (NOTHOMB, 2003, p.

51). Amélie era, como já apontava Freud, Sua Majestade, o Bebê (FREUD, 1914/2010) e encontrou, na figura da babá, Nishio-San, sua principal adoradora. A ela, a criança alienou-se completamente, até que um dia a babá anunciou aos pais de Amélie que precisava ir embora.

A separação da babá e a descoberta de quem nem sempre viveria no Japão fizeram ruir o universo de Amélie. “Eu estava descobrindo tantas abominações ao mesmo tempo que conseguia assimilar uma única. Minha mãe nem parecia dar-se conta de que me estava anunciando o Apocalipse” (NOTHOMB, 2003, p.111), escreve a autora. A angústia sofrida com sua separação de Nishio-San levaram-na a uma melancolia profunda e lhe remeteram às experiências primeiras com a morte.

Mal sabia ela que o real insistira sempre, e retornaria, também, na forma de mudanças. Mudam-se as estações, nada a natureza, muda-se o corpo e a angústia emerge como uma agonia sem nome.

Amélie, já ao final do livro, viu-se alimentando carpas em um pequeno lago e admirou-se com o modo como esses bichos “instalam suas bocas abertas à beira d’água e esperam os fragmentos de comida” (NOTHOMB, 2003, p. 130). A garganta aberta das carpas deixava ver até seus estômagos, tal qual um tubo. Ao ver as entranhas dos peixes, Amélie se pergunta: “Que aconteceria se as pessoas começassem a exhibir suas entranhas?” (NOTHOMB, 2003, p. 131). Com a imposição da visão de suas entranhas, as carpas infligiram na autora/narradora um tabu primordial, ela, Amélie, também tem entranhas e não passa de “um tubo saído de um tubo” (NOTHOMB, 2003, p. 131). A pele, que deveria fazer contorno, e instituir um dentro e um fora, não mais dá conta de conter seus órgãos e seu corpo parece não mais existir.

Embora os meses anteriores tenham dado a Amélie a sensação de estar evoluindo, de ter um corpo e de ser matéria pensante, a visão da boca aberta das carpas lhe fez lembrar-se de “é um tubo e tubo voltará a ser” (NOTHOMB, 2003, p. 132). Olhando para o lago, Amélie constata que “a vida é este cano que engole e continua vazio” (NOTHOMB, 2003, p.132), é o real que ex-siste e que não cessa de não se inscrever.

A angústia de se ver em contato com o real de seu corpo, fez com que Amélie se jogasse de cabeça no lago de carpas e mergulhasse “numa maravilhosa ausência de angústia” (NOTHOMB, 2003, p. 137). Se o eu é, nas palavras de Freud, a projeção mental de uma superfície (1923/2010), essa superfície que serviu Amélie durante meses, se dissolve e, pouco a pouco, a terceira pessoa do singular retoma a posse do seu eu. O sentimento de estranhamento que ela vive remete ao *unheimlich* freudiano e Lacan (1975-1976/2007) assinala que na articulação do imaginário com o corpo, alguma coisa se caracteriza por sua inquietante estranheza. Cada vez menos viva, ela volta a ser o tubo que talvez nunca tenha deixado de ser.

Já quase livre de suas “funções inúteis”, o corpo de Amélie volta a ser cano até que, de repente, “uma mão agarra o pacote moribundo pela pele do pescoço, sacode-o e o devolve brutalmente à primeira pessoa do singular” (NOTHOMB, 2003, p. 138). Após o resgate, Amélie acordou no hospital com um buraco na cabeça que ela tentou, com diversas perguntas, recobrir. Mas, como a linguagem, nem tudo recobre, a menina termina com uma admirável cicatriz na cabeça e com a ideia de que a salvação, assim com a vida, não passa de um atalho.

Em sua resenha, também sobre a *Metafísica dos tubos*, Bernardino (2006) discute a obra de Nothomb sob o viés do autismo e, ao final, se pergunta se a autora faz sinthoma. Não sei dizer se faz sinthoma, mas concordo com a autora, ela faz metapsicologia.

REFERÊNCIAS

- BERNARDINO, L. M. F. Da Metafísica à Metapsicologia. Sobre o livro: *Metafísica dos tubos*, de Amélie Nothomb. In: *Estilos da clínica*, 2006, Vol. XI, no. 21, 224-227.
- FREUD, S. (1914). Introdução ao Narcisismo. In: *Introdução ao Narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. (1923). O eu e o id. In: *O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, S. (1919). *O estranho*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago, 2006
- LACAN, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Originalmente publicado em 1975-1976).
- NOTHOMB, Amélie. *A metafísica dos tubos*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- NOTHOMB, Amélie. *Fear and trembling*. St. Martin's Griffin Publisher, 2002.